

*ATAS DO II ENCONTRO NACIONAL DO
GRUPO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM
DO CENTRO-OESTE:
INTEGRAÇÃO LINGÜÍSTICA, ÉTNICA E SOCIAL*

*Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)*

Brasília

2004

Componentes da Diretoria do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste
GELCO

Presidente

Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

Vice-Presidente

Maria Zaira Turchi (UFG)

Primeira Secretária

Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS)

Segunda Secretária

Hilda Orquídea Hartman Lontra (UnB)

Primeiro Tesoureiro

Manoel Mourivaldo de Almeida (UFMT)

Segunda Tesoureira

Maria Raquel Galán (ULBRA/TO)

E56	<p>Encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social (2. 2003 : Goiânia)</p> <p>Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social / Denize Elena Garcia da Silva / (organizadora). — Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v.</p> <p>1. Linguística-Centro-Oeste. 2. Linguística-conferência. 3. Linguística aplicada. 4. Literatura. I. Silva, Denize Elena Garcia da. II. Título.</p> <p>CDU 801(817)(061.3)</p>
-----	--

Endereço para correspondência:

Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste – **GELCO**

UnB – IL – LIV

Campus Universitário Darcy Ribeiro – ICC Norte, subsolo, módulo 20

CEP 70910-900 – Brasília – DF

LÍNGUAS DO CENTRO-OESTE NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB)

Abstract: This paper presents an overview of the geographical distribution of the indigenous languages in which the four major linguistic families of lowland South America are present and interwoven with minor families. Mutual linguistic influences should be investigated in connexion with results of ethnological, archeological, and biological research in order to ascertain historical and prehistorical migrations and contacts.

Keywords: Centro-oeste; Indian languages; distribution; historical relations

O Centro-oeste, como espaço geográfico correspondente aos territórios dos estados de Goiás, Mato-Grosso, Mato-Grosso do Sul e Distrito Federal, é muito heterogêneo tanto no que se refere a suas características físicas e ecológicas, como no que diz respeito a sua população. Assim como esse imenso espaço é recortado por rios de três grandes bacias hidrográficas – a do Amazonas, a do Paraguai-Paraná e a do Tocantins-Araguaia – assim também foi percorrido por povos indígenas de diferentes culturas e línguas que, deslocando-se uns aos outros ou confluindo para um mesmo hábitat, compuseram um enorme mosaico cultural e lingüístico. Neste mosaico estão representadas as maiores famílias lingüísticas da América do Sul – a Aruák, a Karíb, a Tupí-Guaraní e a Jê – entremeadas entre si e com um grande número de famílias menores.

Línguas da família Aruák encontram-se no centro, no Alto Xingu (Waurá, Mehináko, Yawalapití e o extinto Kustenaú), no oeste (Paresí e Salumã ou Enawenenawê) e no sudoeste (Teréna e Kinikináu e o extinto Guaná ou Chané). A família Karíb está representada por seu ramo meridional, também no centro da região, no Alto Xingu (Kuikúru, Kalapálo, Nahukwá, Txikão ou Ikpéng) e, ligeiramente a sudoeste dali (Bakairí). Já a família Tupí-Guaraní, que é a mais difundida ao sul do rio Amazonas, além de ter uma de suas línguas estabelecida há muito tempo no Alto Xingu (o Kamayurá), está presente tanto a oeste, nos formadores do rio Tapajós (Kayabí e o moribundo – senão já extinto – Apiaká), como a leste, no sistema Araguaia-Tocantins (Tapirapé, Avá-Canoeiro), mas também no sudoeste da região Centro-oeste, em Mato-Grosso do Sul (Kaiwá ou Kayová e Nhandéva). A família lingüística Jê também está representada no Alto Xingu (Suyá, Tapayúna e Kayapó ou Mebengokré), mas tem outros membros ao norte (outros núcleos de Kayapó) e a leste e ao sul dessa área central (Xavante).

Nessa área central do Alto Xingu, que em si mesma constitui um admirável mini-mosaico dentro do quadro geral de que estou tratando, situam-se ainda mais duas línguas, Trumái e Awetí, que são representantes únicas de suas respectivas famílias. Mas, enquanto que da família Trumái não chegou a ser conhecido nenhum outro parente, para a família Awetí há várias outras famílias aparentadas num nível mais remoto de parentesco lingüístico genético, que é o nível de tronco. Esse é o caso da família Tupí-Guaraní, pois ambas integram o tronco lingüístico Tupí, uma rede de parentesco genético constituída por uma dezena de famílias. Destas famílias do tronco Tupí há uma outra que chegou ao Alto Xingu, a família Jurúna, uma de cujas línguas ali presente no final do século XIX extinguiu-se há cerca de 100 anos (o Manitsawá), mas outra, a língua Jurúna, depois de fortemente ameaçada de extinção na primeira metade do século XX, teve sua população protegida e aumentada depois da criação do Parque Indígena do Xingu (em contraste com a terceira língua conhecida da mesma família (Xipáya), que está moribunda no baixo Xingu, no Estado do Pará). Outra família do tronco Tupí presente na região Centro-oeste é a Mondé, cujas línguas Zoró e Cinta-Larga são faladas no oeste de Mato Grosso, entre o rio Aripuanã e a fronteira com Rondônia.

Também a família Jê integra uma ampla rede de relações genéticas mais remotas, compreendendo uma doze famílias, cujas relações de parentesco são mais claras em alguns casos e menos certas em outros. Essa outra extensa rede é o tronco lingüístico Macro-Jê. Prováveis membros dele na grande região do Centro-oeste são, além da família Jê, as famílias Karajá, Boróro, Rikbáktsa, Ofayé e Guató. Da própria família Jê há mais uma língua nesta região, a qual esteve transitoriamente, em anos recentes, no Alto Xingu. É a língua Panará, de cuja história vai falar-lhes daqui a pouco a Dra. Luciana Gonçalves Dourado. A família Karajá, em que se distinguem quatro línguas, tem estado tradicionalmente no vale do rio Araguaia, sendo que hoje só uma dessas línguas (Karajá do Sul) está representada no novo recorte oficial da região Centro-oeste. Já a família Boróro se encontra inteiramente nesta região, distribuída de leste a oeste desde o alto rio Araguaia até o alto Paraguai, mas reduzida hoje a pequenos focos populacionais, quase todos da língua Boróro Oriental. Da outra língua da família que sobreviveu até recentemente, a Umutina, só resta hoje um último conhecedor em Barra do Bugres, no alto rio Paraguai. Sobre a língua Boróro vai falar aqui a Adriana Viana. A língua Rikbáktsa, única representante de sua família, é falada no oeste de Mato Grosso, no rio do Sangue, afluente do Juruena, na bacia do Tapajós. A família Ofayé é hoje representada por uma só língua, falada no leste de Mato Grosso do Sul, próximo ao rio Paraná, enquanto que a família Guató, também com uma só língua, vinha sendo falada no extremo noroeste de Mato Grosso do Sul, onde agora conta com muito poucos conhecedores.

Há ainda no Centro-oeste línguas de outras famílias não filiadas nem ao tronco Tupí, nem ao Macro-Jê, nem às grandes famílias Aruák e Karíb. Uma destas é a família Nambikwára, no oeste de Mato Grosso, e outra é a família Guaikurú, no sudoeste de Mato Grosso do Sul, com a língua Kadiwéu, na região da Serra de Bodoquena.

Objetivo da pesquisa lingüística científica é não só documentar e descrever cada uma dessas línguas, mas compará-las e descobrir as relações genéticas e tipológicas que prevalecem entre elas e, a partir daí, procurar reconhecer quais as situações históricas e pré-históricas de que resultou o atual mosaico. Esse é um esforço em que os descobrimentos lingüísticos têm de somar-se aos conhecimentos adquiridos pela arqueologia e pela etnologia, pois se trata antes de tudo de recuperar a história ou a pré-história dos muitos povos que se deslocaram de perto ou de longe e que se encontraram e se repeliram ou se associaram e mesmo se fundiram num passado mais remoto ou mais recente. Uma questão aberta, por exemplo, em que triangulação de dados etnológicos, arqueológicos e lingüísticos poderia esclarecer o passado pré-histórico, diz respeito à complexidade da organização social do povo Boróro. A organização da sociedade Boróro é uma das mais complexas das regiões baixas da América do Sul. O etnólogo Otto Zerries levantou a hipótese de que as duas metades em que se dividem as aldeias desse povo tivessem sua origem em dois povos distintos, um deles com maior afinidade com os povos Jê, mais particularmente com os Timbira orientais (Zerries 1953:209ss), uma afinidade que já fora apontada anteriormente por Joseph Haekel (1938:432, citado por Zerries). A arqueóloga Irmhild Wüst, pesquisando assentamentos pré-históricos na área ocupada historicamente pelos Boróro, descobriu aí a confluência de duas tradições culturais distintas, que poderiam ter contribuído para a cultura dos Boróro históricos (Wüst 1989:30). Diante dessa possível convergência de resultados, uma tarefa que devem enfrentar os lingüistas que vierem a estudar a língua Boróro é a de procurar identificar nela elementos lexicais ou gramaticais que possam ser atribuídos a diferentes filiações genéticas lingüísticas (v. Rodrigues 1985:395-396, 1993, 2000:228-230; cf. Sandalo 2002). Uma quarta vertente de pesquisas, cujos resultados podem contribuir para esclarecer questões pré-históricas como essa, é a da genética biológica, que poderia verificar a homogeneidade ou heterogeneidade da população de língua e cultura Boróro e suas compatibilidades com outras populações indígenas.

Também questões históricas, isto é, da história mais recente de contacto entre os povos indígenas e os colonizadores nos últimos séculos, podem ser detectadas e esclarecidas pelos estudos lingüísticos. Limite-me aqui a mencionar alguns exemplos do Centro-oeste. Uma questão histórica ainda em busca de evidências é a das línguas faladas pelos bandeirantes: falavam só o Português, só

a Língua Geral Paulista, ou as duas e, então, em que medida e em que época? Dois testemunhos, de diferente natureza, vêm do povo Boróro. Em 1822 Auguste de Saint Hilaire visitou o aldeamento de índios Boróro que haviam sido estabelecidos no Triângulo Mineiro quase cem anos antes pelo bandeirante Antônio Pires de Campos, após tê-los deslocado de Mato Grosso e empregado como força militar contra os Kayapó do Sul (Panará). Verificou então que eles falavam a Língua Geral como a que ele tinha registrado anteriormente em São Pedro da Aldeia, no Estado do Rio de Janeiro, e pensou que o fato fosse devido a uma hipotética transferência de índios do Rio de Janeiro para o sudoeste de Minas Gerais. Hipótese alternativa é que aqueles Boróro tenham adquirido a Língua Geral dos membros das bandeiras, que começaram a colonização da região. Esta hipótese implica no uso da Língua Geral Paulista por grande parte dos bandeirantes, na primeira metade do século XVIII, quando Pires de Campos atuou junto aos Boróro. Outra indicação vem não daquela minoria de Boróro deslocados para o Triângulo Mineiro, mas da língua dos que ficaram em seu território em Mato Grosso. Essa língua, que continua sendo falada até hoje, tem nomes tomados de empréstimo à língua dos colonizadores para elementos da cultura destes, mas esses nomes não provêm do Português e sim da Língua Geral Paulista (LGP): *japára* ‘foice’ (LGP *jýapára*), *pinái* ‘tesoura’ (LGP *pirâi*), *boúra* ‘contas de colar’ (LGP *mbo’yra*), *tapíra* ‘vaca’ (LGP *tapi’ira*), *takoréy* ‘cana de açúcar’ (*takware’e*), etc. Isso reforça a hipótese do uso dessa língua pelos bandeirantes, hipótese que é fortalecida também por parte da toponímia das áreas colonizadas a partir das bandeiras.

Outro caso de natureza histórica é o da língua dos índios Xavánte, pertencente à família lingüística Jê. A língua dos atuais Xavánte, que se denominam *A’we*ⁿ, tem a particularidade de não ter a consoante oclusiva velar *k* e, em lugar dela, nas palavras cognatas das outras línguas de sua família, ter a consoante oclusiva glotal ’ (sirva de exemplo o próprio nome indígena do povo, que em Xerénte é *Akwe*ⁿ e em Xavánte é *A’we*ⁿ). Na primeira metade do século XIX o geólogo alemão J. E. Pohl e o geógrafo francês F. de Castelnau registraram em Goiás, a leste do rio Araguaia, vocabulários dos índios ali conhecidos pelo nome Xavánte (Chavantes). Até hoje esses pequenos vocabulários têm sido considerados os documentos mais antigos sobre a língua dos atuais Xavánte, que vivem atualmente a oeste do Araguaia, ao longo do rio das Mortes e ainda a oeste deste. Entretanto, os dois registraram uma língua com as oclusivas velares, fato que permite questionar se os atuais Xavánte descendem realmente dos Xavánte de Pohl e Castelnau, já que sabemos que o nome *Xavánte* (ou *Chavante*) foi aplicado nos séculos XVIII e XIX a diferentes povos (por exemplo os Ofayé de Mato Grosso do Sul e os Otí do oeste de São Paulo). Um outro povo, cuja presença a leste do Araguaia foi registrada no século XVIII, é o povo Krixá, cujo nome ficou fixado no topônimo goiano Crixás. Pois esse é o nome que os dois povos indígenas vizinhos dos atuais Xavánte dão a estes em suas respectivas línguas: em Karajá *Krysa* ou *Kyrysa* e em Tapirapé *Kyrytxa*. Isso faz pensar que os atuais Xavánte ou *A’we*ⁿ são descendentes dos Krixá do século XVIII e não dos Chavantes de Pohl e Castelnau (v. Rodrigues 2002).

Referências

Haekel, Joseph (1938). Zweiklassensystem, Männerhaus und Totemismus in Südamerika. *Zeitschrift für Ethnologie*. Vol. 70.

Rodrigues, Aryon D. (1985). Evidence for Tupi-Carib relationships. In: Klein, Harriet E. M., e Stark, Louisa R. (orgs.) *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press, p. 371-404.

_____ (1993). Uma hipótese sobre flexão de pessoa em Boróro. *Anais da 45ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, p. 505.

_____ (2000). Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. *Boletim da ABRALIN*, nº 25, p. 219-231.

_____ (2002). Sobre a possível origem da diferença fonética entre a fala masculina e a feminina em Karajá. Comunicação apresentada no 2º Encontro Macro-Jê, no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas.

Sandalo, Filomena (2002). Paralelismo fonológico entre as línguas Guaykurú e Boróro. In: Cabral, A. S. A. C., e Rodrigues, A. D. (orgs.) *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: UFPA, p. 65-70.

Wüst, Irmhild (1989). A pesquisa arqueológica e etnoarqueológica na parte central do território Bororo. *Revista de Antropologia*, vols. 30/31/32, p. 21-35.

Zerries, Otto (1953). The bull-roarer among South American Indians. *Revista de Antropologia*, nova série, vol. 7, p. 275-309.